

CICLO DO TRABALHO, RODA DA FORTUNA¹

Hermano Roberto Thiry-Cherques*

RESUMO

Neste artigo procuramos estabelecer a forma e as razões da subsistência da idéia da Roda da Fortuna como fonte tanto técnica como popular da cultura econômica e organizacional. Examinamos a sua aplicação prática, a sua fundamentação e lançamos algumas hipóteses sobre os motivos da sua persistência.

ABSTRACT

In this article we attempt to establish the form and the reasons for the perseverance of the Wheel of Fortune's notion as a source of both technical and non-technical economic and organizational cultures. We have analyzed its practical application, its theoretical basis and we have raised some hypothesis on the reasons of its persistence.

¹ O autor é grato ao Prof. Enrique Saravia, a Roberto Pimenta e a Florência Saravia pelos comentários à versão inicial desse texto.

*Prof. EBAPE - FGV

A ocorrência cíclica de eventos é um dos traços mais comuns na cultura do trabalho. O mundo das organizações é permeado por máximas como a da inevitabilidade da queda dos dirigentes (maior o posto, maior o tombo), a da certeza sobre a recuperação dos que caíram às posições mais baixas (o fundo do poço), e assim por diante. A memória coletiva é eivada de tradições² que insistem em explicar a trajetória profissional a partir de uma imagem consagrada desde a antiguidade: a da Roda de Fortuna.

A fé na rotação de oportunidades e adversidades está presente na literatura teórica, na de aconselhamento empresarial e, empiricamente, nas mais diversas áreas e estratos das organizações. É uma tradição compartilhada pelos experientes e transmitida aos recém chegados. Um conhecimento tido como seguro para orientar o agir, para advertir sobre condutas de risco. É empregado também para consolar e reanimar as vítimas da má sorte e dos caprichos do mercado.

Nesse texto, discutimos as implicações dessa tradição no mundo do trabalho. Examinamos a propriedade dos seus ensinamentos, a validade dos seus fundamentos e as razões da sua permanência como fonte de conhecimento sobre a vida no trabalho. As considerações que fazemos estão baseadas em dados e informações extraídas de pesquisas que vimos realizando sobre o tema da sobrevivência nas organizações desde o início dos anos 90³.

OS CICLOS

Segundo os preceitos da Roda da Fortuna, a vida no trabalho seria marcada por estados previsíveis de ascensão e declínio. Para sobrevivermos, para livrarmos do infortúnio absoluto da demissão, ou para termos uma boa posição na hierarquia organizacional, bastaria que nos comportássemos de forma condizente com cada um desses estados. Haveria uma conduta ideal para alcançarmos a segurança dos postos mais altos, outra para neles nos mantermos, outra para retardar o declínio e outra, ainda, para nos restaurarmos após a queda.

A idéia da Roda da Fortuna ou Roda da Vida não nasceu, evidentemente, nas corporações modernas. Ela vem de tempos imemoriais. Está no Mahabharata (1999) hinduísta, no qual consta que a Roda tem o eixo na nossa mente, os cinco grandes elementos nos seus raios, os sentidos no seu aro exterior e o lar na sua circunferência interna. Representa o dia e a noite, a dor e o prazer, o frio e o calor. É, ou foi, uma magnífica ordenação do espírito que hoje se vê rebaixada ao infantilismo barato da literatura de auto-ajuda. A Roda está do Dharma budista, que espelha a assiduidade do ensinamento (1951). Cada um dos oito aros simbolizando os caminhos do pequeno veículo. É uma pena que essa idéia seja hoje miseravelmente distorcida pelos teóricos do treinamento continuado.

No ocidente, a Roda vem dos gregos, para quem, eterna e infinita, serviu ao castigo de Ixion, o primeiro humano a matar um parente, e que, agora preso aos seus aros, gira no Hades, como giram os Chaplins cativos das engrenagens da produção. Vem do hebreu Ezequiel, que teve as visões mais desvairadas, e assistiu ao espetáculo de rodas dentro de outras no céu. Rodas auditoras, que tinham olhos e asas e seguiam as pessoas na terra.

A Roda da Vida é um dos símbolos do determinismo, do juízo de que tudo que sucede ou sucederá está fixado e estabelecido. É o cânone da causalidade continuada, recorrente e autônoma. Heráclito (1982) o utilizou para explicar o

²Uma tradição designa uma prática ou um saber herdado do passado, repetido de geração em geração, e que tem valor e significado para um grupo humano particular. É "um pedaço do passado talhado à medida do presente" Cf. *Culture et tradition* - 2002

³ A mais extensa dessas pesquisas visou identificar "modelos de sobrevivência" em indústrias. Esteve voltada para a sobrevivência moral em ambiente industrial. [Cherques - 2.000]. Outras pesquisas, como, a que relacionou o nível tecnológico à produtividade, [Cherques - 1994] tiveram como objeto a sobrevivência material.

“todo que procede do uno e o uno do todo”. Platão⁴, o ciclo recorrente de vida e destruição. Na Roda, o ponto de partida e o de chegada coincidem, por isso Plotino (1930) e Proclo a utilizaram para explicar a emanação e Nicolau de Cusa (1966) para explicar a *coincidentia oppositorum*, a junção dos opostos.

No plano político, a Roda serviu como denotativo da igualdade. Foi o círculo do conselho tribal, foi a circunferência sagrada de Stonehenge, e o assento dos iguais da Távola Redonda do Rei Artur, o *board* de acionistas da antiguidade.

A Roda assume a forma definitiva na Idade Média. Serviu então ao ensino icônico sobre os desígnios de Deus. Por isso ela está representada em muitas das catedrais góticas. Às vezes é expressamente talhada na pedra, como na catedral da Basílica, mais freqüentemente aparece dentro das rosáceas, como em Amiens.

A Roda da catedral de Basílica é a mais didática. Refere o poder às correspondências morais. Nela a paz gera a riqueza, a riqueza o orgulho; o orgulho a guerra; a guerra a pobreza; a pobreza a humildade; a humildade a paz; a paz(Toynbee – 1975). Ensina os riscos inerentes à alta direção.

Já em Amiens, a Roda tem dezessete festões, cada um com um personagem. Oito sobem pela esquerda até o rei, figura central hierática que se apresenta com as mãos nos joelhos como os faraós, enquanto oito descem à sua direita. Deste lado, estão os que caem, os que se dirigem para o exterior do *Chakra* (que em sânscrito quer dizer justamente roda). Instrui sobre os riscos de se desafiar as administrações absolutistas.

Vinda de tão longe, a Roda nas organizações contemporâneas se mantém inalterada em sua estrutura. É tida como expressão explicativa dos altos e baixos da carreira funcional segundo, pelo menos, três instâncias relacionadas à vida no mundo do trabalho: a do ciclo de resultados, a da ascensão e queda do domínio técnico e a da trajetória da capacidade produtiva.

No ciclo de resultados, a privação seria sucedida pelo sacrifício, este pelo consumo e este pela saciedade que levaria à baixa da produção e à conseqüente privação, que reiniciaria o ciclo. Para a convivência com o ciclo de resultados, a fórmula recomendada pelos manuais de treinamento e da sabença organizacional é a da retribuição do sacrifício – a idéia de que quem produz mais será, cedo ou tarde, recompensado seja com riquezas, seja com a segurança no emprego.

No que se refere ao domínio técnico, a idéia é a de que a vida medíocre dos postos subalternos seria sucedida pelo aprendizado servil que levaria à compreensão das práticas produtivas e burocráticas [o aprendizado do “serviço”] e desembocaria na realização plena do conhecimento aplicado – do estar em casa no trabalho. Mas esse conforto seria traiçoeiro. Incentivaria o desleixo, levaria à ociosidade e ao retorno às posições subalternas, esta ao aprendizado que reiniciaria a Roda. Por trás dessa idéia, está a crença de que o ser humano só se realiza plenamente no e através do trabalho. Uma convicção cara ao cristianismo, ao marxismo de estrita observância e ao psicologismo sentimental que rege os cursinhos de *management*.

Temos, finalmente, a refletir a imagem da Roda, a trajetória da capacidade produtiva. Nela, o desconhecimento ou desatualização seria sucedido pelo treinamento, que resultaria em capacidade técnica, que seria recompensada por posição de poder, riqueza e segurança, mas que sofreria a fatalidade da desatualização, etc. É a fórmula que sustenta os manuais de recursos humanos e os vendilhões de treinamento. A idéia da agregação do valor, que tem por trás a convicção de que o trabalho, para ser válido, isto é para que tenha valor, deve acompanhar o passo das modificações tecnológicas e das técnicas mais atuais.

Estes exemplos bastam para chegarmos ao ponto que queremos levantar. Um ponto que se apresenta como um enigma. Trata-se do seguinte: os saberes que postulam a circularidade dos eventos são falsos. Eles não se verificam. A analogia entre a roda da fortuna com os ciclos do trabalho não é válida. Não porque as duas noções não sejam análogas, mas porque a idéia mesma de ciclo

⁴(Leis 677 A)

(seja ele o ciclo vital, seja o da roda da fortuna, seja o do trabalho) é falsa. Não há evidência empírica que, quer a natureza, quer a cultura, quer a psique operem obedecendo a ciclos. A analogia da Roda e os seus avatares, antigos e modernos, são logicamente insustentáveis e factualmente inverídicos.

O fantasioso e o disparatado da analogia da Roda são fáceis de demonstrar, como veremos a seguir. Mais difícil é entender como e por que, sendo obviamente um embuste, a Roda resiste ao tempo e às circunstâncias. Sobre esse tópico tentamos lançar alguma luz na parte final do texto.

OS FATOS

Na forma que chegou até nós, a imagem da Roda da Vida, gravada em pedra, pintada em iluminuras, visava instruir os iletrados medievais sobre as incertezas dos desígnios divinos. Era um recurso eficiente. Como a Roda não tem uma velocidade definida, é possível passar pelas situações que retrata a cada hora, a cada dia, a cada ano. Como sempre estamos entrando e saindo de uma situação determinada, parece óbvio que a decepção sucederia a esperança, de que a tristeza sucederia a alegria, etc. A prudência e a cordura, então como agora, é o que se queria transmitir. O que se queria que fosse aceito era que, mesmo na posição mais alta, a da felicidade⁵, podemos cair para a posição da perda ou contrariedade, desta para a do sofrimento, a mais baixa, e daí, remontar a da esperança. Estaríamos sempre em uma dessas quatro disposições. Não sendo possível iludir o destino, não poderíamos passar de uma a outra a não ser nessa ordem.

São muitas as lições que se aprendia na Roda. A de que é a esperança que traz a felicidade [a felicidade é a esperança alcançada], como é o sofrimento que traz a esperança [se não se sofre a esperança é desnecessária], como é a contrariedade ou a perda que leva ao sofrimento e a felicidade, que, instável, conduz à contrariedade. Aprendia-se, também, que felicidade não dura, que estar contrariado é melhor do que sofrer, que o sofrimento é uma passagem [em latim, sofrer tem o sentido de experimentar] para a esperança. Além disso, se assentava que todos estes estados são transitórios, que a Roda não para de girar, que o destino é inevitável, pode ser cruel, mas não é permanente etc.

Desde essa época até hoje, a ligação entre o círculo e a Fortuna se encontra tanto na mobilidade como na instabilidade, mas é quase sempre referida ao poder. Na imagem mais difundida, a do *Hortus deliciarum*, de Herrade de Landsberg - que no século XII, descreveu a ascensão na roda como a tentativa do homem de recuperar-se da Queda - um rei parece nos quadrantes com os dizeres *regno*, reino, *regnavi*, reinei, *sum sine regno*, não tenho reino, *regnabo*, reinarei.

MISTIFICAÇÃO

Todos esses saberes e orientações para a vida eram e são muito poéticos e interessantes. Mas, tanto em geral como no que nos interessa aqui particularmente, a vida nas organizações, é fácil constatar que são inteiramente ilusórios. A analogia que une a Roda à Fortuna é factualmente falsa em toda a linha de comparação com o que realmente acontece na vida e no trabalho.

Retomemos os exemplos que mencionamos acima. O mais amplo é o que compara a carreira profissional à Roda. Ora, qualquer investigação mesmo que superficial sobre o tema irá demonstrar que se algum paralelismo se ajusta à vida funcional este seria o de um ângulo ou, no máximo, o de uma linha oscilante. O normal, o que temos documentado, é a trajetória em que há uma ascensão constante até o ponto de inflexão após o qual, de ordinário, há a retirada do trabalho

⁵ No sentido kantiano do termo / felicidade/: "o contentamento com o próprio destino". Cf. Cherques; 2002.

ou, menos freqüentemente, uma recuperação ou uma sucessão de pequenas quedas e recuperações, até que cesse todo o relacionamento entre o trabalhador e a organização. No percurso funcional não há retorno, não há ciclo.

No que se refere ao ciclo de resultados – a Roda: privação – sacrifício – consumo – saciedade – privação; temos, como vimos, a idéia de quem produz mais será recompensado. Essa é uma noção datada do século XIX para calçar uma inverossímil e jamais demonstrada causalidade entre trabalho e riqueza⁶. Mesmo que a idéia fosse verdadeira, ela só teria fundamento para os que ganham exclusivamente por produção, para os autônomos. Não é e não pode, logicamente, ser válida para os que seguem carreira dentro das organizações, para os que são empregados, remunerados pelo esforço que despendem. Os sistemas de recompensa, se permanentes (incorporação ao salário) são lineares, se eventuais, são modais; não circulares.

O ciclo de domínio técnico é outra idéia fantasiosa. A Roda: subalterno, aprendiz, capaz, seguro, ocioso, subalterno, ... , é uma ideologia: uma lógica que serve a uma idéia, não uma idéia que seja, comprovadamente, lógica. O trabalho não é, nem nunca foi, uma fonte segura de autorealização. Nem sempre os homens trabalharam e grande parte dos que trabalham tem como razão e objetivo de vida justamente parar de trabalhar. Além disso, muita gente se realiza em funções subalternas ou fora do trabalho. Se o trabalho é uma necessidade à sobrevivência física, nem o emprego nem a ascensão hierárquica são condições absolutas para a sobrevivência espiritual.⁷

Finalmente, a noção da atualização continuada – a Roda: desconhecimento técnico, treinamento, poder, desatualização, desconhecimento técnico, ... - como imprescindível à validade do trabalho, ainda que parcialmente verdadeira (o artesanato tradicional, por exemplo, depende de conhecimento, mas não de atualização) não é circular. O conhecimento técnico não pode ser perdido integralmente, de sorte que a curva que traça é assintótica. Nunca circular. O que muito raramente ocorre é que a obsolescência completa de uma tecnologia determine a perda total do valor de um conhecimento. Mas aí já se trata para o trabalhador de um recomeço em nova base, de uma nova carreira, não de outro giro da mesma Roda.

△ ANALOGIA

Se na prática a Roda é uma mistificação, é logicamente que a simetria entre o que acontece e o que ensina se evidencia absolutamente descabida. Para demonstrá-lo basta que nos detenhamos um pouco sobre a lógica elementar e procuremos entender o que é uma analogia, como deve ser construída e como pode ser validada.

Uma analogia é uma correlação entre os termos de dois sistemas ou ordens. Quando fazemos uma analogia, atribuímos os mesmos predicados a vários objetos.

A analogia, explanatória ou descritiva, parte da presunção de similaridade entre o análogo e o analogado. É válida se e quando: i) existe a similaridade, ii) não há diferenças relevantes entre os termos e, iii) a área de comparação é pertinente. No processo de se construir uma analogia, são propostos em primeiro lugar três elementos: um análogo, um analogado e uma área de comparação. Em seguida, são contrastadas empiricamente as similaridades orgânicas entre as respostas [identidades e diferenças], que devem funcionar nos limites de uma margem de tolerância declarada. Depois são construídos os passos indutivo e dedutivo. O passo indutivo expande o conhecimento mediante generalizações. Na analogia da Roda, o passo indutivo compreende a aceitação de que: i) tudo na vida obedece a um ciclo de ascensão, declínio e recuperação, ii) de que o trabalho

⁶ Cf. Arendt- 1989

⁷ Para uma apreciação mais detalhada da idéia de ciclo nas técnicas gerenciais ver Cherques; 2.001

é uma atividade da vida como as demais, de forma que, iii) a vida no trabalho deve obedecer a este mesmo ciclo. O passo dedutivo é um silogismo categorial. Começa no conhecimento que já possuímos e dele tira implicações. Na analogia da Roda, o passo dedutivo parte da convicção de que: iv) há um ciclo no trabalho e que, por consequência, v) o ciclo do trabalho é como o ciclo da vida.

A analogia entre a vida no trabalho e a roda da fortuna é metafórica [é uma analogia extrínseca de atribuição] cujas propriedades comuns seriam a mobilidade, a seqüência ordenada de situações, o esquema circular de ascensão e declínio. Em resumo, os seus passos analógicos indutivos são: i) a vida é como uma roda da fortuna e, ii) a roda da fortuna é móvel, seqüenciada e dividida em situações de ascensão e declínio. Os dedutivos asseguram que: iii) o trabalho é parte da vida; que iv) a vida no trabalho é como uma roda da fortuna e, portanto, que v) o que nos acontece no trabalho está fixado em instâncias.

Isso posto, caberia analisar e criticar a analogia para testar sua validade. Para se validar uma analogia é preciso verificar se a generalização está baseada em evidência sólida. Essa verificação se dá seguindo-se duas regras. A primeira é a da evidência do argumento básico, a da plausibilidade da generalização. A segunda é a do paralelismo das situações.

Ora, como estamos vendo, a Roda é uma fábula construída por religiões e ideologias diversas com o sentido de nos confortar do mistério dos desígnios divinos e de alentar a esperança ante as vicissitudes da vida. É uma liberdade metafórica. Ocorre que as metáforas não são extensivas. Quer isso dizer que, quando, por exemplo, afirmamos que "a vida é um cabaré", entendemos que a vida é como um espetáculo imprevisível de múltiplos acontecimentos. Não que a vida é um ambiente fechado, cheio de fumaça, ou que a vida só aconteça à noite. As metáforas só funcionam contextualizadas e não admitem transposições.

Disso decorre que a metáfora da Roda cessa de ter sentido além da afirmação de que a vida no trabalho, como a vida em geral, é mutável. Primeiro porque nenhuma razão lógica, nenhuma prova empírica, dá sustentação à idéia de que a mutabilidade da vida, no trabalho e em geral, se dá segundo uma ordem pré-estabelecida. A Roda está no plano da crença, não no plano da razão.

Em segundo lugar, porque para a regra mais importante de validação de uma analogia - a de verificar as instâncias em que o análogo e o anologado concordam - não há saber nem prova empírica de que tanto a felicidade como a desgraça não possam ser permanentes. Ou de que não é possível saltar da ascensão ao declínio e vice-versa sem se passar por estados intermediários, de que a desdita completa não possa, sem mais nem porque, suceder à fortuna e assim por diante.

AS RAZÕES DA FORTUNA

Sendo a idéia da Roda factual e logicamente insustentável, o que importa para a compreensão do que acontece no mundo do trabalho é tentar saber por que ela se mantém com tanta persistência.

Começemos considerando que a Roda chegou até nós tanto pela tradição vulgar como pela filosofia. Comte, Mill, Durkheim, Bachelard acreditavam que a sociedade vive alternadamente períodos críticos [tendências à desagregação] e períodos orgânicos [tendência à coesão e a novas formas de organização social]. A própria dialética de Hegel é um círculo de círculos, em que cada tríade combina com outra tríade para explicar a certeza sensível [objeto, experiência, sujeito], a percepção [conceito, percepção, entendimento] etc.

O saber erudito, se chega a produzir algum efeito sobre a vida nas organizações, o faz através de uma série quase infinita de mediações e distorções. É muito mais provável que a Roda tenha sido incorporada à cultura organizacional pelos mesmos motivos que a trouxeram da antiguidade: porque é uma fórmula simples e muito conveniente, porque é um nariz de cera que justifica os percalços da ascensão e do descenso nos organogramas, porque parece explicar o inexplicável.

Nela, temos uma série de símbolos que podemos adequar às mais diversas situações. Temos o anel, que é o símbolo da aliança eterna do casamento, não só entre as pessoas comuns, mas também do sacerdote com Deus, da freira com Jesus. O anel é, também, o *ouroboros*, a serpente que morde o próprio rabo, que se alimenta de si mesma e que renasce da própria boca. Assinala a dependência recíproca entre as partes e serve para explicar ou apelar para a fidelidade, para a aliança entre o trabalhador e a empresa.

Temos, também, o sinete, o anel com o selo, que serve para advertir sobre o poder e que indicou a autoridade designada na Grécia, tradição que passou a Roma, (onde havia uma hierarquia dada pelo material do sinete – os comuns só podiam usar ferro). O sinete indica quem manda, mas, também, indica que toda situação na hierarquia organizacional é efêmera. É um símbolo eficiente do poder delegado, uma vez que o anel pode ser passado de um para o outro (por isso, se quebra o anel do papa quando da sua morte).

Do mesmo modo, desde os gregos a Roda é um símbolo da mobilidade, da mudança sem desagregação, da unidade porque todos os polígonos regulares são circunscritos. É um dos ícones da infinidade. Ela não tem nem começo nem fim, é o polígono com infinito número de lados, como infinitas são, ou deveriam ser, as possibilidades para quem trabalha e persevera.

Com toda a carga simbólica que encerra, é fácil supor que, insustentável logicamente como é, a metáfora da Roda tenha se mantido e tenha até mesmo florescido nos textos contemporâneos, devido a sua virtude de iludir os espíritos e de desviar a atenção dos absurdos da servidão implicada nas formas modernas de gerenciamento. Mas os dados de que dispomos indicam hipóteses de explicação diferentes para a persistência dessa idéia. Hipóteses que revelariam não um sentido forçado, mas algo natural, que parece próprio da mente humana, um sentido que se liga à defesa da razão perplexa ante a injustiça do mundo e à recusa do acaso, da imprevisibilidade da vida.

A PERSISTÊNCIA DA RODA

Uma primeira hipótese para a persistência da idéia da Roda deriva da nossa recusa em aceitar o desconhecimento sobre as causas ou sobre os encadeamentos de causas que desembocam nos fenômenos. A idéia de que a boa ou má sorte, a Fortuna, determina a formação do mundo vem de Demócrito, do universo como resultante do entrelaço casual dos átomos. O acaso, a ausência de uma causa eficiente, segundo Demócrito, ou a ausência de uma finalidade, segundo Aristóteles, foi sempre estranho à natureza humana⁸. Preferimos acreditar no destino – que é necessário – e descreer do azar – que é acidental⁹. Aceitamos o absurdo da Roda, que sendo fortuita, não pode ser necessária, porque não podemos suportar a nossa inépcia intelectual ante o turbilhão dos acontecimentos, da incompreensibilidade do cosmo ou dos infinitamente misteriosos designios da divindade¹⁰. Toleramos a alegoria da Roda para explicar o nosso destino profissional porque preferimos acreditar que o que nos acontece tem uma causa desconhecida do que acreditar que não tem nenhuma causa. Construímos a teoria do destino para dar sentido ao mundo do trabalho. Depois, como é comum nas ciências e no

⁸ Para Demócrito a coisas se dão por "necessidade cega", mas só para as coisas humanas. Aristóteles [Física II, 5, 519b, a8 e 4, 195b, 30ss] distingue azar e fortuna e os dá como causas excepcionais. A fortuna não é irracional, mas uma privação "da arte" [Metafísica A, 3, 1070 a 8].

⁹ Trata-se, naturalmente, de uma resistência psicológica. Desde Kant [Crítica da Razão Pura] sabemos que não é possível demonstrar que o mundo faz sentido. Também não podemos demonstrar que não faz. Peirce [Sobre a ordem da natureza - Peirce, Charles Sanders The essential Peirce - selected philosophical writings; Bloomington: University of Indiana Press, 1992] deu-se ao trabalho de provar logicamente que um mundo construído ao acaso gera, necessariamente, uma ordem férrea, mais restrita do que a de um mundo construído por necessidade.

¹⁰ É a concepção de Espinosa. Ver Huizinga - 1967

mundo social, nos aferramos à proposição e distorcemos a realidade até que ela se ajuste à teoria.

Outra hipótese é que a crença na Roda de Fortuna persiste porque consola e alenta. Tal já era a opinião de Boécio¹¹, o último dos romanos. Cristão e neoplatônico, Boécio compilou os manuais gregos e procurou a síntese entre o latinismo e o germanismo. Foi um sábio e um justo. Mas o rei ostrogodo Teodorico, a quem serviu, suspeitou de traição e o mandou prender, torturar e, afinal, executar. Na prisão, nos intervalos das sessões de tortura, Boécio escreveu a *Consolação da Filosofia*, uma obra em prosa e em verso, na qual a Filosofia personificada e o próprio autor discutem o problema do mal, do livre arbítrio e da providência divina. A Filosofia, para consolar Boécio, se apóia no argumento da previsibilidade da Roda para mostrar que o caráter cambiante da Fortuna não interfere na felicidade. Os argumentos são admiravelmente construídos. Tanto que durante o pior momento da Idade Média, quando grassavam a servidão e a injustiça, a *Consolação* foi o livro mais lido depois da Bíblia. Talvez por isso, por ser um consolo ante a forma injusta e cruel com que os trabalhadores são tratados, a idéia da Roda reviva hoje com tanto vigor.

Uma terceira hipótese para a persistência da idéia da Roda da Fortuna seria a de que ela representa uma possibilidade de limitar o infinito, de fazer previsível o aleatório. Também é antiga essa tradição. Vem de Raimundo Lúlio¹², um catalão que postulou a submissão da filosofia à teologia e que pretendeu encontrar a verdade e converter os muçulmanos mediante a aplicação de sua "*Ars Magna*", um círculo gerador de sabedoria. A Roda de Lúlio ou o complexo de rodas, era uma fórmula que reunia dezoito elementos simples a que poderiam ser reduzidos os termos de todas as proposições. O método, de grande difusão no começo do Renascimento, consistia em embaralhar os nove atributos divinos [bondade, eternidade, poder etc.] com as nove relações [diferença, concordância, princípio etc.] em circunferências com o centro em comum e que deveriam ser girados para produzir a "*ars combinatoria*". Cósmico e circular, o método não poderia fracassar. Acreditava-se naquela época que o universo é o "espelho do divino", como dizia Sto. Agostinho. O universo teria uma ordem perfeita. Daí que bastaria restaurar a "ordenação divina" para se alcançar a verdade de tudo. O fato de Lúlio ter malgrado tanto em esgotar as possibilidades de conceituação lógica quanto em converter os mouros, não impediu que a Roda e que o sistema mnemônico desenvolvido por ele tenham tido grande e fecunda aplicação. Talvez a Roda persista porque parece explicar a máquina do mundo e, nela, as engrenagens do trabalho.

Qualquer que seja a razão da sua persistência: a ânsia por uma determinação, a necessidade de consolo e conforto, a racionalização do universo, o fato é que a Roda da Fortuna é uma das explicações sobre as incertezas no mundo das organizações. Integra a memória coletiva, o resultado da redução socializada da diversidade de representações possíveis¹³. Está incorporada no ciclo de planejamento-gestão-controlar-planejamento e nas teorias que derivam da abordagem sistêmica da alimentação-processo-resultado-realimentação. Ela persiste mesmo que o seu fundamento seja insustentável, que a coincidência entre o que prevê e o que realmente acontece seja fortuita, que o acordo entre o que preconiza e o que funciona seja estatisticamente acidental. Uma derradeira hipótese é que ela sobreviva porque o mesmo se pode dizer de parte da teoria econômica e das técnicas de administração.

¹¹ *Ancius Manlius Toquatius Severimus Boetius - Roma 480; Pavia 526*

¹² *Raymundo Lull ou Lúlio - Palma de Mallorca 1235-1315*

¹³ *Ver Ricœur -2000*

REFERÊNCIAS

- Arendt, Hannah; A condição humana; Rio de Janeiro; Forense; 1989
- Cherques, Hermano Roberto Thiry – 2.000; Modelos de sobrevivência – Teses de doutoramento, COPPE – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2.000
- Cherques, Hermano Roberto Thiry; Mais luz; Conjuntura Econômica; Rio de Janeiro; Fundação Getúlio Vargas; 2.002
- Cherques, Hermano Roberto Thiry & Paulo César Negreiros de Figueiredo: PRODUTEC – Gerenciamento da produtividade e da tecnologia em organizações atuantes no Rio de Janeiro; Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas - EBAP/FGV; Rio de Janeiro; Anais da AMPAD; 1994
- Cherques, Hermano Roberto Thiry; A moda nas técnicas gerenciais; Revista da ESPM; vol.8; Ano 7 (4); julho-agosto; 2.001
- Cherques, Hermano Roberto Thiry; “Trabalho e sobrevivência política: Métis, a outra instância da razão”, Read - Revista Eletrônica de Administração, <http://read.adm.ufrgs.br/read32/index.htm>, 9 (2) Abril; 2.003
- Culture et tradition*, in Sciences Humaines; No. 36 – Mai – 2002
- Cusa, Nicolau de - La docta ignorância; Aguilar S.A. de Ediciones - Buenos Aires – 1966
- From The Mahabharata: Aswamedha Parva, Seção XLV: Traduzido por Sri Kisari Mohan Ganguli; Londres; Petit; 1999 –
- Heráclito, Fragmentos; Buenos Aires; Aguilar; 1982
- Huby, Joseph; Manuel d´histoire des religions; Paris; Gabriel Beauchesne; 1921
- Huby, Joseph; Manuel d´histoire des religions; Paris; Gabriel Beauchesne; 1921
- Huizinga, J.; Le déclin du moyen age; Paris; Payot; 1967
- Kelley, David; The art of reasoning; Nova York; Norton & Company; 1998
- Peirce, Charles Sanders; The essential Peirce - selected philosophical writings; Bloomington : University of Indiana Press, 1992
- Pereda, Carlos; Vértigos argumentales; Barcelona; Anthropos; 1994
- Plotino; Las Enneadas; Nueva Biblioteca Filosofica - Madrid - 1930
- Ricœur Paul; La mémoire, l´histoire, l´oubli; Paris; Seuil; 2000
- Some sayings of Buddha according to the Páli canon; Oxford; Oxford University Press; 1951
- Toynbee, Arnold Joseph, Um estudo da história Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1975
- Walton, Douglas; Informal logic; Grã Bretanha; Cambridge University Press; 1989